**Sumário – Mr. & Mrs. Paines: Crimes do Passado.**

1. Capítulo 1 – O Último Relógio

2. Capítulo 2 – A Engrenagem na Garganta

3. Capítulo 3 – Ecos da Torre

4. Capítulo 4 – A Segunda Chave

5. Capítulo 5 – A Cripta do Tempo

6. Capítulo 6 – Os Três Retornos

7. Capítulo 7 – O Engenheiro do Passado

8. Capítulo 8 – O Sino que Não Deveria Tocar

9. Capítulo 9 – A Última Volta do Relógio

10. Capítulo 10 – O Ciclo Quebrado

11. Epílogo – O Relógio na Sombra

**Introdução – Mr. & Mrs. Paines:**

Numa cidade onde os sinos tocam sozinhos e os relógios insistem em girar para trás, o tempo deixou de ser apenas uma medida. Tornou-se um aviso.

Thornbridge era uma vila esquecida nos mapas e congelada na memória. Suas ruas empedradas guardavam mais do que histórias — abrigavam ciclos. Ciclos de violência, de símbolos, de silêncios. Durante décadas, assassinatos ocorreram sob as mesmas coincidências matemáticas: o mesmo horário, o mesmo padrão de ferimentos, a mesma assinatura — uma engrenagem deixada como marca fúnebre, como um recado cifrado. E então, por quase vinte anos, o tempo pareceu descansar.

Até agora.

Quando o inspetor aposentado Caetano Paines e sua esposa, a consultora criminal Elizabeth, recebem uma carta anônima selada com o símbolo de seu falecido pai, o também investigador George Paines, ambos sabem que não se trata apenas de um chamado — é uma continuação. A carta os leva até um crime recente, um corpo com os olhos costurados e uma peça de relojoaria inserida na garganta, tudo perfeitamente alinhado com os padrões esquecidos.

À medida que o casal revive traumas enterrados e segredos familiares, é arrastado para o interior de uma conspiração que transcende datas, identidades e até a própria realidade. Cada pista os leva mais fundo na estrutura de um passado que nunca passou. Com a ajuda de Ayla B. Paines, irmã de Caetano e especialista em criptografia histórica, eles desvendam códigos, visitam criptas seladas e descobrem que os assassinatos não são aleatórios, mas parte de um mecanismo muito maior — uma engrenagem que gira há mais de um século.

No coração de tudo, está um relógio. Um relógio construído por alguém que conhecia os limites do tempo — e tentou superá-los. Um engenheiro. Um patriarca. Um Paines.

Enquanto os assassinatos se intensificam e o número de engrenagens cresce, Caetano, Elizabeth e Ayla são forçados a questionar não apenas o culpado, mas a própria linearidade de suas vidas. E então surge a pergunta: se o tempo pode se repetir... alguém pode estar tentando consertá-lo?

Este livro não é apenas uma história sobre crimes. É sobre heranças silenciosas. Sobre o peso do nome que carregamos. E sobre o momento exato em que o tempo deixa de correr... e começa a perseguir.

## CAPÍTULO 1 – O RELÓGIO DA TORRE

Thornbridge, Inglaterra – Primavera de 1953

O som do sino ecoou três vezes, grave e deslocado, cortando a atmosfera festiva da vila como uma lâmina. Todos os olhos se voltaram para a torre da igreja, onde jamais se tocava o sino fora do horário litúrgico. Era tradição. Era regra. Aquilo era um presságio.

Elizabeth Paines parou de servir chá. Sentiu o estômago revirar. O vento, antes brando, pareceu engrossar sobre a relva da praça central. Caetano, ao seu lado, encarava a torre com os olhos semicerrados, como se enxergasse mais do que os outros.

— Não é coincidência — murmurou ele.

Um menino correu pela praça, os cabelos ruivos ao vento, gritando:

— Tem um homem morto na torre! — E apontou para o alto, esbaforido.

Em segundos, a multidão que festejava os narcisos e a chegada do sol se transformou em um agrupamento tenso, movendo-se em direção à igreja de pedra cinzenta.

Caetano e Elizabeth trocaram um olhar silencioso. Não era a primeira vez que isso acontecia com eles. Mas faziam seis anos desde o último corpo.

Subiram os degraus antigos da torre, cada um rangendo sob seus pés. O padre local, pálido como um lençol, os esperava na metade do caminho, impedindo outros curiosos de subir.

— Vocês... vocês devem ver isso — disse o padre Thomas, desviando o olhar, incapaz de encará-los.

No topo da torre, sob o antigo sino de bronze, jazia um corpo deitado de lado, com os braços cruzados sobre o peito, como se tivesse sido cuidadosamente posicionado. Um relógio de bolso estava preso à mão esquerda da vítima, marcando exatamente 15:00. O rosto do morto, inchado e pálido, era familiar.

Elizabeth estremeceu.

— Esse caso...

Caetano se ajoelhou ao lado do corpo. Retirou, com luvas, um pequeno objeto da boca do cadáver: uma engrenagem de relógio, polida, com um número gravado: #1.

— É uma cópia — disse ele. — Do caso de Barnesworth, 1938. Mesmo posicionamento. Mesmo tipo de relógio. Mesma hora.

— Mas Barnesworth morreu envenenado em um banco de praça — retrucou Elizabeth, tensa.

— Sim, e tinha uma mensagem na palma da mão...

Ela abriu lentamente a mão direita do morto. Havia algo ali, escrito com tinta azul. Duas palavras apenas:

"Lembram-se de mim?"

Elizabeth se afastou um passo, o rosto perdendo cor.

— Isso é pessoal. Muito pessoal.

Caetano levantou-se, o olhar preso no sino. Tocara três vezes — como no caso de 1938. A cópia era meticulosa.

— Ele está nos desafiando — disse. — Alguém estudou nossos arquivos. Alguém quer que a gente volte ao jogo.

O padre, ainda pálido, murmurou:

— Isso não é obra de Deus. É coisa de quem nunca esqueceu...

Do lado de fora, os moradores aguardavam ansiosos. Mas o que mais preocupava Elizabeth era o que viria a seguir. Se aquele era o primeiro movimento de um jogo, ela sabia o bastante para temer o segundo.

Caetano puxou do bolso um velho caderno de couro. Nele, todas as anotações dos casos arquivados estavam guardadas, com precisão de décadas.

Ele virou as páginas rapidamente, até encontrar o caso: "O Homem das Três Batidas".

— Ele não vai parar. — Caetano sussurrou. — E isso... é só o começo.

## CAPÍTULO 2 – O ARQUIVO PERDIDO

Naquela noite, a vila parecia presa numa névoa que não vinha do céu, mas da mente. A notícia do assassinato havia se espalhado mais rápido que os sinos da igreja podiam tocar. Portas trancadas, janelas cerradas, conversas sussurradas.

Na casa dos Paines, Ayla terminava de digitar o início de seu artigo para o semanário de Londres quando Elizabeth entrou, pálida e decidida.

— Pare o que estiver fazendo, Ayla. Precisamos revisar o Arquivo Barnesworth.

— Aquele do envenenamento? O dos três toques? — perguntou, já se levantando.

— Exatamente. Alguém está nos mandando uma mensagem.

A biblioteca da casa cheirava a couro antigo e páginas velhas. Caetano já estava lá, empilhando arquivos e cadernos. Sobre a mesa, um fichário surrado com a etiqueta "Casos Encerrados – 1930-1940".

— Veja isso — disse ele, entregando a Ayla uma foto. — É Barnesworth, o original. E essa é a posição do corpo encontrada hoje.

As imagens eram quase idênticas.

— Mas... isso está inacessível ao público — comentou Ayla. — Essas fotos não saíram nem nos jornais da época.

— Exato — murmurou Elizabeth. — O assassino não só conhece o caso como teve acesso ao material original.

— Ou alguém vazou — completou Caetano.

Havia uma tensão no ar. Ayla notou uma pequena rachadura na lombada do caderno de anotações de Elizabeth. Como se alguém o tivesse folheado sem cuidado.

— Isso sempre esteve aqui? — perguntou ela, apontando para um marcador novo, enfiado na página do caso Barnesworth.

Elizabeth franziu o cenho.

— Eu nunca uso marcadores. Sempre confio na memória.

Caetano se aproximou. Dentro do marcador havia uma tira de papel com uma citação:

“A memória é o maior dos venenos. – O Relojoeiro”

Silêncio.

O assassino estivera na casa deles. Sabia onde mexer. Sabia como provocar.

Elizabeth apertou os punhos.

— Agora é pessoal.

E era só o começo do segundo ato.

**CAPÍTULO 3 – A PEÇA FALTANDO**

Ayla passou a madrugada escaneando documentos antigos. Tudo que envolvia Barnesworth, o trio de mortes entre 1938 e 1940, e qualquer menção ao misterioso "homem do relógio". Mas o que ela encontrou foi pior do que esperava.

— Tia Elizabeth — chamou, enquanto segurava um dossiê. — Tem algo errado com esse caso. Há um relatório faltando no arquivo da polícia.

— Faltando como? — perguntou Caetano, já despertando do cochilo na poltrona.

— O relatório final. A conclusão. Sumiu do sistema. Mas, segundo a numeração sequencial, ele existia. Foi deliberadamente removido.

Elizabeth se aproximou, franzindo a testa. — Isso não deveria ser possível.

— A menos que alguém da própria força tenha mexido — disse Ayla. — Ou alguém muito próximo dos investigadores.

Caetano, silencioso, pegou um envelope fechado de dentro do fichário antigo. Era endereçado a ele, mas nunca havia sido aberto. Selado com cera vermelha. Sobre a cera, o símbolo de uma engrenagem.

— Eu recebi isso no mesmo dia em que Barnesworth foi encerrado, mas nunca abri. Achei que fosse alguma piada mórbida de jornalista — confessou.

Com as mãos firmes, ele quebrou o selo. Dentro, um papel dobrado três vezes. Apenas uma frase escrita à mão:

“Um dia vocês esquecerão de mim. Mas eu jamais esquecerei de vocês.”

A caligrafia era a mesma do bilhete encontrado na mão do cadáver na torre.

Elizabeth suspirou. — Ele estava planejando isso há muito tempo.

Caetano olhou para o relógio de parede. Os ponteiros marcavam 03:00. A hora exata em que o sino havia tocado no dia anterior.

— Ele nos deixou uma peça faltando. Um tempo oculto. Algo entre o fim do caso e agora.

— E se esse tempo for justamente o que ele quer que investiguemos? — disse Ayla. — E se, dentro desses anos de silêncio, estiver a origem dele?

O telefone tocou. Elizabeth atendeu. Era o Inspetor Lester.

— Senhorita Paines, temos um segundo corpo. E ele está no banco de praça onde Barnesworth foi encontrado em 1938.

Elizabeth gelou. A engrenagem girava novamente.

**CAPÍTULO 4 – O SEGUNDO SINO**

A praça central de Thornbridge, geralmente um refúgio para mães com carrinhos de bebê e leitores de jornal matutino, estava agora isolada por fitas amarelas. Policiais da vila, poucos e despreparados, tentavam conter os curiosos que se aglomeravam. No centro, um banco de madeira. Nele, o corpo.

Caetano, Elizabeth e Ayla atravessaram as fitas sem dizer uma palavra. O Inspetor Lester os aguardava com uma prancheta nas mãos, expressão sombria.

— Mesma assinatura — disse ele antes mesmo que chegassem. — Um relógio na mão esquerda. Engrenagem na boca. Mensagem na palma. Tudo igual.

Ayla se adiantou e analisou o relógio. Estava parado às 03:15. Quinze minutos após o horário do corpo da torre. Ela anotou.

Elizabeth, por sua vez, examinou a palma do morto. Uma nova mensagem:

“Toda hora tem seu preço.”

Caetano se agachou para observar o rosto da vítima. Era Peter Hargrove, relojoeiro da vila. Amável, discreto, e... absolutamente sem inimigos. Ou assim parecia.

— Ele consertava meu despertador. Nunca chegou atrasado. — Ayla murmurou, atônita.

— E tinha acesso a centenas de mecanismos. Relógios de todo tipo. Inclusive os antigos — acrescentou Caetano. — O assassino está enviando uma progressão.

Elizabeth olhou ao redor. O clima parecia mais frio do que de costume. E havia algo fora do lugar.

— Onde está o sino? — perguntou, olhando para a pequena capela próxima, cujos sinos haviam sido silenciosos naquela manhã.

O Inspetor Lester franziu a testa. — Não tocaram. Nenhum deles. Achamos que havia sido você quem os disparou ontem na torre.

— Não fui eu — respondeu Elizabeth. — E hoje... era para soar.

Caetano fez um gesto brusco, chamando-os para a lateral do banco. No chão, riscado com giz, havia um círculo com marcas rúnicas. Um símbolo antigo, parecido com o que figurava na carta recebida anos atrás.

Ayla tirou uma foto.

— Isso é mais do que simbologia. É ritual. Ele não quer apenas matar. Quer recriar algo.

O som de um relógio de torre repentinamente irrompeu pelos céus da vila. Quatro batidas, lentas e rítmicas.

Todos os olhos se voltaram para o alto. Mas não era o sino da igreja.

— Isso veio... do subterrâneo — sussurrou Ayla.

Elizabeth puxou do bolso um mapa antigo da vila, que trazia túneis da época medieval. Uma linha passava exatamente sob a praça e ligava à antiga cripta abandonada do lado oeste.

— Ele está nos guiando. Como peças num tabuleiro. E agora quer que entremos no tempo dele.

Caetano cerrou os olhos.

— Então vamos jogar. Mas às nossas regras.

E sem perder tempo, partiram em direção à cripta esquecida, onde o próximo movimento do Relojoeiro os aguardava.

[Continua no Capítulo 5...]

**CAPÍTULO 5 – A CRIPTA DO TEMPO**

A entrada da cripta estava quase escondida sob uma densa camada de heras, junto ao antigo cemitério de Thornbridge. Nenhum morador se aproximava dali há décadas — diziam que era maldita. Mas agora, para os Paines, era a única passagem lógica para o próximo enigma.

Caetano quebrou o cadeado com uma antiga ferramenta de ferro que guardava desde os anos da polícia secreta. O som metálico ecoou como um trovão abafado na penumbra.

O ar era úmido e denso. Cheirava a pedra, mofo e tempo esquecido. Elizabeth acendeu a lanterna. Os feixes revelaram escadas em espiral, símbolos entalhados nas paredes, e uma trilha de fragmentos de papel — pedaços arrancados de um diário antigo.

— Estamos no rastro dele — disse Ayla, apanhando um dos fragmentos. Nele, rabiscado à pressa, lia-se:

“O tempo é um ciclo. E cada ciclo exige um sacrifício.”

— Ele acredita nisso — murmurou Caetano. — Isso não é só teatral. Ele acredita.

O grupo avançou até uma câmara circular, o coração da cripta. No centro, um pedestal de pedra, sobre o qual repousava uma ampulheta de ferro negro. A areia dentro não era branca, mas vermelha. Quase viva.

Elizabeth se aproximou com cuidado. Ao lado da ampulheta, havia um bilhete escrito à mão:

“Capítulo 5: O tempo que vocês roubaram será devolvido. Segunda engrenagem: #2.”

Ayla examinou o pedestal. Havia um compartimento oculto. Ao forçá-lo, revelou uma segunda engrenagem, desta vez marcada com um símbolo diferente: uma serpente devorando a própria cauda.

— O ouroboros — disse Ayla. — O ciclo eterno. Ele está nos dizendo que tudo isso... já aconteceu.

— Ou que acontecerá de novo — completou Caetano, sério.

A tensão aumentou quando um som metálico veio do teto. Elizabeth olhou para cima. Um mecanismo antigo havia sido ativado. Engrenagens giravam, e cordas começaram a descer. Uma jaula, vazia, parou bem sobre o pedestal.

Então, uma luz acendeu sozinha num canto da cripta. Não uma vela, nem uma tocha. Era elétrica. Alguém estivera ali recentemente.

Caetano correu até a parede e encontrou uma câmera escondida.

— Ele está nos filmando — rosnou. — Isso é um espetáculo para ele.

Elizabeth agarrou a câmera, mas ao puxá-la, um estalo ecoou. Um compartimento secreto se abriu na parede oposta, revelando um corredor estreito, ainda mais antigo.

— O jogo dele continua — disse Ayla, encarando a escuridão.

— Então vamos continuar também — respondeu Elizabeth, firme.

O grupo entrou no corredor, agora mais fundo no labirinto de tempo e loucura criado por um assassino obcecado com passado e memória. Cada passo era uma volta a mais no relógio.

E a areia da ampulheta continuava caindo.

**CAPÍTULO 6 – OS TRÊS RETORNOS**

O corredor terminava numa câmara circular iluminada por lâmpadas de gás, provavelmente reacendidas manualmente. No chão, três espelhos dispostos em triângulo, cada um voltado para o centro. No centro, uma cadeira. E sobre ela, uma foto antiga: Caetano, Elizabeth e Ayla — juntos, anos atrás, sorrindo diante da antiga sede da Scotland Yard.

Ao lado da foto, um novo relógio.

Caetano se aproximou com cautela. Estava parado às 03:33.

— Minutos precisos... ele está escalonando.

Elizabeth virou a moldura da foto. Atrás dela, uma inscrição:

“Voltem de onde vieram. Antes que o tempo leve vocês também.”

Ayla notou algo nos espelhos. Cada um refletia uma imagem diferente. Um mostrava a torre da igreja. O outro, a praça. O terceiro... mostrava a cripta onde estavam agora, mas vazia. Sem eles.

— Isso não é possível — sussurrou ela. — Estamos aqui, mas o espelho mostra ausência.

— Ele está nos dando escolhas — concluiu Caetano. — Três lugares. Três ecos do passado. E em cada um, algo deixado para trás.

Subitamente, um dos espelhos começou a rachar. Um som agudo e penetrante ecoou pela câmara. No reflexo, algo se movia. Um vulto. Sem rosto. Sem forma definida. Mas olhando.

— Precisamos sair — gritou Elizabeth.

A câmara tremeu. Caetano agarrou a foto, Ayla recolheu o relógio e Elizabeth empurrou a porta de ferro que se revelara no fundo da sala.

Atrás dela, novos degraus. Mais profundos. Mais antigos.

Eles desceram, sem saber se estavam indo para frente ou para trás no tempo.

Mas sabiam, com certeza, que o relógio estava correndo.

[Capítulo 7 a seguir...]

## CAPÍTULO 7 – O ENGENHEIRO DO PASSADO

O novo lance de escadas conduziu a uma sala com paredes de tijolos romanos, bem mais antigas do que o restante da cripta. No centro, uma mesa repleta de desenhos técnicos: projetos de mecanismos, relógios e... armadilhas. Tudo assinado com as iniciais **G.P.**

— George Paines — murmurou Caetano. — Meu pai...

Elizabeth pegou um dos esquemas e o segurou contra a luz: mostrava a própria cripta, com corredores ocultos, câmaras giratórias e trilhas de gás. Era um mapa das armadilhas ativadas.

— Isso não foi feito por um assassino moderno — disse Ayla. — Isso é obra de um engenheiro. De alguém que planejou cada passo com anos de antecedência.

Sobre a mesa havia também um diário empoeirado. Caetano o abriu com mãos trêmulas. As páginas estavam preenchidas com datas, nomes e horários específicos. Em várias delas, fotos recortadas de jornais antigos com assassinatos arquivados — todos com padrões similares: relógios, frases cifradas e símbolos ocultos.

— Ele sabia. Ou fazia parte disso — disse Caetano, sufocado. — Meu pai...

Elizabeth puxou uma gaveta oculta na mesa. Dentro, uma fita cassete, identificada como **“Testemunho Final – G.P.”**

— Precisamos ouvir isso — afirmou Ayla.

Caetano encontrou um gravador antigo na estante ao lado. Após assoprar a poeira e ajustar a fita, apertou o botão de play. O som rangente revelou uma voz envelhecida e trêmula:

“Se vocês estão ouvindo isso, é porque o ciclo recomeçou. Eu falhei em impedir. Tudo começou com o relógio do Lorde Benedict, em 1923. O tempo... não é uma linha. É um loop. Um mecanismo falho. E eu fui apenas uma peça. Agora, meu filho, se chegou até aqui, siga o caminho que nunca consegui completar. A engrenagem final está sob o sino quebrado.”

— O sino... da igreja? — perguntou Elizabeth.

— Não — respondeu Caetano. — O sino que desapareceu em 1989. O velho sino do Mosteiro de Birkhollow. Está no museu de Thornbridge desde então.

— Vamos agora — disse Ayla, já puxando o mapa do museu da internet. — Antes que o assassino perceba que estamos na frente dele.

Mas mal haviam subido as escadas de volta à superfície, um som metálico os fez parar.

Do lado de fora, o sino do museu estava tocando. Sozinho.

**CAPÍTULO 8 – O SINO QUE NÃO DEVERIA TOCAR**

A chuva castigava as ruas de Thornbridge quando os três chegaram ao Museu Histórico. A porta estava entreaberta, um filete de luz escapando pela fresta.

— Ele sabia que viríamos — murmurou Ayla, puxando sua pistola.

O interior do museu estava vazio. Exceção feita à ala central, onde o antigo sino de Birkhollow repousava suspenso. Ao redor dele, uma nova cena montada: uma vitrine estilhaçada, manequins tombados e, no chão, um novo corpo.

Elizabeth correu até ele. Era o curador do museu, Sr. Hensley. Morto. Na boca, como antes, uma engrenagem.

— Terceira engrenagem — disse Caetano, recolhendo o artefato e examinando o número gravado: #3.

No pedestal do sino, uma inscrição recém-esculpida:

**“O tempo é um sino que toca para quem ouve.”**

Ayla apontou para o topo do sino. Uma cavidade havia sido aberta nele, como se escondesse algo dentro. Ela escalou o suporte com agilidade e retirou uma pequena caixa de metal.

Dentro, um bilhete manuscrito:

**“Para fechar o ciclo, as três engrenagens devem girar na torre. Me encontrem às 3:45. E tragam o passado com vocês.”**

— Ele quer que voltemos à torre onde tudo começou — disse Caetano. — É uma armadilha.

— E também nossa única chance — rebateu Elizabeth. — Vamos pôr fim a isso. Agora.

Ayla assentiu, e os três deixaram o museu, sob o som abafado da última badalada ecoando pela cidade.

Era hora de retornar à torre. E encarar o criador do ciclo.

\[Capítulo 9 a seguir...]

## CAPÍTULO 9 – A ÚLTIMA VOLTA DO RELÓGIO

Às 3:42 da madrugada, os ponteiros da velha torre da igreja de Thornbridge pareciam hesitar no tempo. A cidade dormia, inconsciente do que acontecia acima, onde os três últimos descendentes dos Paines cruzavam os degraus que levavam ao topo.

Elizabeth carregava a caixa com as três engrenagens, envoltas em tecido de veludo azul. Ayla havia trazido o mapa original do velho George, e Caetano empunhava uma lanterna e a arma de serviço que jurara nunca mais usar.

Ao abrirem a porta final da torre, o som de uma música antiga os surpreendeu. Era uma melodia de caixa de música — infantil, mas com tons inquietantes. No centro da sala, havia uma mesa redonda com um mecanismo inacabado, semelhante a um relógio de torre, mas invertido, com os números dispostos no sentido anti-horário.

— Um relógio que gira para trás — murmurou Ayla. — Ele quer desfazer algo.

As paredes estavam cobertas por fotos antigas de crimes arquivados. Todos interligados. Todos com as mesmas pistas. No centro de tudo, uma imagem em sépia: George Paines, mais jovem, ao lado de um homem não identificado, com traços semelhantes aos de Caetano.

— Isso não é só sobre assassinatos — disse Elizabeth. — É sobre uma linhagem.

Caetano inseriu a primeira engrenagem no mecanismo. Ela se encaixou com um clique seco. A segunda engrenagem seguiu logo depois, encaixando perfeitamente. Quando colocaram a terceira, o mecanismo se ativou sozinho. Um zumbido preencheu o ar, e os ponteiros começaram a girar — para trás.

Um compartimento secreto se abriu na parede. De dentro, saiu uma figura encapuzada, a máscara de latão brilhando à luz trêmula.

— Chegaram a tempo — disse a figura, com voz distorcida. — Sempre chegam.

— Quem é você? — exigiu Caetano, erguendo a arma.

O mascarado tirou o capuz.

Era o homem da foto. O mesmo rosto de Caetano. Mas mais velho.

— Meu nome é Elias Paines. Eu sou... você. De outra volta do ciclo.

O silêncio foi absoluto.

— Eu falhei — continuou Elias. — Em outra linha. Em outro ciclo. Tentei avisar George. Tentei impedir. Mas quanto mais tentava, mais reforçava o mecanismo. O tempo... nos recicla. E agora é sua vez.

Ayla deu um passo à frente.

— Por que os assassinatos? Por que as mensagens?

— Para alertar. Para romper o ciclo. Mas o tempo não escuta. Ele cobra. Sempre cobra.

Elias puxou um pequeno relógio de bolso e entregou a Caetano.

— Três voltas para trás. Uma para frente. Escolha romper ou repetir. É tudo que posso oferecer.

Antes que pudessem reagir, Elias caminhou para a beirada da torre e se deixou cair.

Gritos. Corrida. Mas era tarde.

No centro, o mecanismo girava sozinho. As engrenagens pulsavam como um coração vivo.

— O que fazemos? — perguntou Ayla.

Caetano segurou o relógio de bolso e o olhou fixamente.

— A próxima volta será a última. E vai ser nossa.

**CAPÍTULO 10 – O CICLO QUEBRADO**

Às 3:45, o relógio da torre parou.

Elizabeth acionou a última engrenagem. O mecanismo estalou, soltando vapores antigos. Uma luz azulada envolveu a sala. Por um breve momento, todos os sons da cidade cessaram.

O tempo... parou.

Ayla caiu de joelhos. Imagens invadiram sua mente: cenas de outros ciclos, outras mortes, outros fracassos. Viu a si mesma morrer na praça. Viu Elizabeth sendo empurrada da torre. Viu Caetano sendo preso por um crime que não cometeu.

Mas agora, estavam ali. Juntos. E conscientes.

— O que fazemos agora? — gritou Elizabeth, lutando contra a pressão temporal que tentava separá-los.

Caetano olhou para o relógio de bolso. Três voltas para trás. Uma para frente. Ele o girou lentamente.

Primeira volta. A infância na vila.

Segunda volta. O primeiro caso juntos.

Terceira volta. A morte de George.

Última volta. Para frente.

O tempo explodiu numa onda de luz. O mecanismo da torre implodiu, as engrenagens derreteram. Um novo ponteiro surgiu, apontando para um horário inexistente: 00:00. O recomeço.

A vila acordou em silêncio. O sino, pela primeira vez em séculos, não tocou.

Caetano, Elizabeth e Ayla estavam no chão da torre, vivos. O relógio de bolso havia desaparecido. As paredes estavam limpas. Nenhuma foto. Nenhuma carta. Nenhuma prova de que aquilo havia acontecido.

Exceto pelas cicatrizes.

— Está feito — disse Caetano, fitando o horizonte.

— E nunca mais será o mesmo — completou Elizabeth.

Ayla assentiu. — Hora de viver fora do relógio.

O ciclo havia sido quebrado.

Mas em algum lugar, numa prateleira esquecida de um antiquário, um novo relógio começou a bater.

**FIM.**

## 🔚 Epílogo – O Relógio na Sombra

Seis meses haviam se passado desde a noite em que a torre silenciou.

A vila de Thornbridge, agora envolta em uma calma artificial, parecia viver sob o peso de um segredo que ninguém sabia nomear. O relógio da igreja fora retirado, suas engrenagens fundidas levadas para análise — e esquecidas no porão de algum instituto. O sino permaneceu calado, como se respeitasse um luto sem nome.

Elizabeth voltou à consultoria, desta vez longe das luzes da imprensa. Ayla voltou a dar aulas de linguística temporal, carregando em seus olhos um brilho contido, como quem já viu o fim e escolheu continuar mesmo assim. Caetano se manteve em silêncio por semanas, escrevendo compulsivamente em um caderno de capa preta com as iniciais “G.P.” gravadas em baixo-relevo.

Uma tarde, enquanto caminhavam juntos pelas margens do lago onde George costumava remar, Elizabeth perguntou:

— Você ainda pensa nele?

Caetano assentiu.

— Mais do que penso. Eu o escuto. Às vezes, quando tudo está quieto... o som das engrenagens volta. Fraco, quase imperceptível. Como se o tempo estivesse perguntando: “E agora?”

Elizabeth parou. Olhou para o céu turvo.

— E o que você responde?

Ele demorou para falar.

— Que não estamos prontos. Mas estamos acordados.

Ela sorriu, apertando sua mão.

Na mesma noite, um menino encontrou um relógio de bolso enterrado na areia perto da velha estação ferroviária. Era antigo, de prata, e girava ao contrário. No verso, gravado com perfeição: “Para a próxima volta. E para os que ousam lembrar.”

O menino o levou para casa, deu corda, e o relógio voltou a funcionar com um tic-tac irregular, mas vivo.

Na torre abandonada, uma única engrenagem esquecida girou uma vez. Depois parou.

Mas ninguém viu.

E nem precisava.

Porque, às vezes, o tempo apenas... espera.

Fim.